

Movido pela volúpia, Jorge Ailton lança seu primeiro e elogiado CD

Disco de estreia do artista atrai a admiração de Paula Toller e Lulu Santos

Leonardo Lichote

Lulu Santos já falou que o escalaria entre as principais atrações de um possível Rock In Rio 4, além de ter gravado uma canção dele em seu recém-lançado CD, "Singular". Paula Toller, outra fã declarada, se apaixonou por sua música a ponto de assinar uma parceria com ele e de tê-lo como o primeiro artista — afora ela própria — a ser lançado por seu selo, o La Toller LMC. Carioca do Méier, 35 anos, Jorge Ailton estreia em disco com "O ano 1" sob bênçãos de dois grandes nomes do pop-rock nacional, capturados pela sonoridade e pelas composições do disco.

— É ousado, sexy, tem frescor... E letras ótimas, o que é raro na música pop hoje — derrama-se Paula.

Lulu também carrega nos adjetivos num texto sobre o artista. Além de dizer que ele "é das mais gratas e surpreendentes revelações artísticas que tive nos últimos tempos", qualifica o CD como "coeso, divertido, substancial e sexy".

O próprio Jorge Ailton ajuda a entender os tais adjetivos de Lulu e Paula quando fala da ideia que moveu a feitura do CD:

— Queria música com volúpia — define. — Queria um som orgânico, não fazer cinco *takes* para pegar a melhor parte de cada. A ideia era gravar todo mundo junto até que pudéssemos chegar e falar: "O *take* é esse".

Jorge Ailton teve no início de sua caminhada musical os bailes charm do clube Vera Cruz, na Abolição, e as lições aprendidas em casa — onde ouvia samba e tinha a herança do saxofonista e maestro Moacyr Silva (que lançou discos com o pseudônimo de Bob Fleming), seu avô. Mais tarde, montou a banda Funk U e tocou baixo com Sandra de Sá e Mart'nália, além de Paula e Lulu.

"O ano 1" começou a nascer em 2007, com a interrupção dos trabalhos com o Funk U. Jorge Ailton começou a compor as canções do CD e chamou Alexandre Vaz (da banda Cabeza de Panda) para produzi-lo.

— Pautei o CD pelo recomendo. "Superstral" foi a primeira a ficar pronta, e seus versos falam

coisas como "penso no tempo, penso na grana", ou seja, penso em tudo, menos em mim. Mas no refrão tem o "vai, vai, vai que vai". É um "agora vai".

E foi. Com as bases pré-prontas (seu baixo, a guitarra de Vaz e a bateria de Lourenço), as músicas foram encaminhadas para os letristas.

— O curioso foi que, sem nenhum tipo de *briefing* ou explicação do conceito do disco, a temática das letras acabou girando em torno de fim, recomeço... — conta Jorge Ailton. — Fiquei satisfeito, porque era uma prova de que o som, mesmo antes das palavras, estava falando disso.

Um exemplo é "Coração retrô", parceria com Paula Toller. Ela imaginou um cenário, inspirada em "Sitting on the dock of the bay", de Otis Redding, e escreveu versos como "Certas noites/ Sempre vão voltar/ Como as dores/ De um antigo mal de amor/ Revivendo/ Só pra me goar/ O meu coração retrô".

Influências passam por Marcos Valle e Prince

"Atropelada", com letra de Apoena, também se destaca. Tanto Lulu (que a gravou no CD "Singular") quanto Paula foram atraídos por ela à primeira audição. Os versos não cabem na métrica ("Como se o cara tivesse que dizer aquilo de qualquer forma, fosse a música lenta ou rápida", explica o artista), causando estranheza, mas concluem num refrão direto, "que poderia ser de novela", nas palavras de Paula: "Você não vale nada/ Então me deixa em paz".

Com harmonias cuidadas e vigor soul-rock, o CD reúne influências que vão de Marcos Valle ("Soliquida") e Cassiano ("Coração retrô") a Prince ("Muito melhor assim") e Sugarhill Gang ("Superstral"). Alquimia que atraiu Paula nas primeiras audições do CD, na época praticamente pronto, e a levou a convidar o artista para seu selo.

— O interesse dela foi crescente. Cada vez que nos encontrávamos, ela perguntava algo sobre o CD. Até que fez o convite — lembra Jorge Ailton. ■

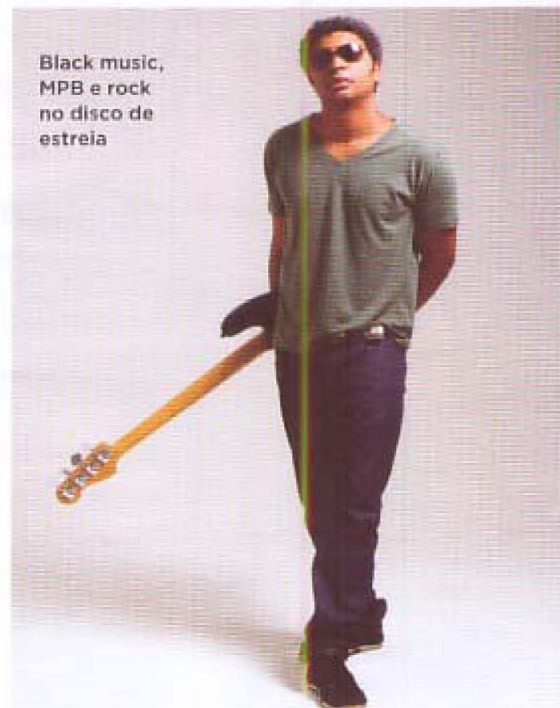


JORGE AILTON e o violão, que usa para compor: "Queria um som orgânico, não fazer cinco 'takes' para pegar a melhor parte de cada"

APOSTA POR LEO RIVERA

NA ALTA RODA DO POP

Jorge Aílton, baixista apadrinhado por Paula Toller, lança seu primeiro disco como artista solo



Não estamos sozinhos nesta aposta. Nelson Motta e o produtor Kassin já aplaudiram. E agora Paula Toller não hesitou em lançar o disco de estreia dele, *O Ano 1*, por seu selo, La Toller/Posto 9. Lulu Santos, que gravou com o baixista o álbum *Singular*, o define como “um príncipe”. Jorge Aílton é filho de Moacyr Silva, saxofonista e arranjador que gravou com grandes cantoras e participou de uma série dançante famosa da Musidisc, *Feito Pra Dançar*, sob pseudônimo de Bob Fleming. Tem 35 anos de idade e dez de estrada como músico profissional. “O Jorge toca baixo e canta na minha banda desde que saí para a estrada com o show *Sónós*. Um dia propôs uma parceria, contou que estava gravando um disco e que gostaria de mostrar algumas músicas para ver se eu faria letra. Mandou três demos, até que a mais lenta delas virou ‘Coração Retrô’”, lembra Paula. Antes do empurrão, Jorge tinha tocado com Sandra de Sá, Mart'nália e Toni Garrido. Como bom baixista, assimilou grooves de funk e soul a partir de referências como James Brown, Prince e Lenny Kravitz. Para Lulu, seu disco “soa coeso, divertido, substancial e sexy”. *O Ano 1* é uma mistura de black music, MPB e rock, com teclados retrô, bateria bem timbrada. As letras, inteligentes,

3 de março de 2010

'O Ano 1' é bom começo de Ailton como cantor

Resenha de CD

Título: *O Ano 1*

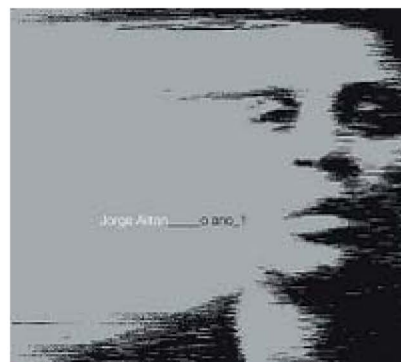
Artista: *Jorge Ailton*

Gravadora: *La Toller LMC*

/ *Microservice*

Cotação: * * * 1/2

Quando Lulu Santos lançou seu 22º álbum, *Singular* (EMI Music, 2009), uma das faixas que chamou atenção foi *Atropelada*, tema de Jorge Ailton e Apoena Frota que Lulu cantou com atitude firme, entre espertos *grooves* eletrônicos. *Atropelada* reaparece, em tom mais doído, no primeiro CD solo de Ailton, *O Ano 1*, editado pelo selo de **Paula Toller** com distribuição da Microservice. Projetado na cena *indie* carioca como vocalista da banda Funk U, Ailton - que ganha a vida como baixista de nomes como Sandra de Sá, Martn'ália e a própria Toller - debuta solo com disco de tons menos funkeados. Doses de pop (*Soliquida*), psicodelia (em *Muito Melhor Assim*) temperam repertório autoral de bom nível. O suingue carioca da faixa-título, *O Ano 1*, denuncia a origem do artista. Entre balada pop (*Substantivo Feminino*) e suave canção de desenho melódico que lembra a arquitetura do soul de Cassiano (*Coração Retrô*, parceria de Ailton com Paula Toller), faixas como *O Óbvio* indicam que Ailton também tem talento com letrista. Ao fim da décima e última faixa, *Casta dos Abençoados*, do visceral verso "Nada mais é difícil que a solidão", *O Ano 1* deixa boa impressão. Produzido por Alexandre Vaz, com competência e sem clichês, o álbum é bom começo de Jorge Ailton em sua carreira como cantor solista.



posted by Mauro Ferreira at [19:14](#)

Música

Baladas pop

Baixista Jorge Ailton, da banda de Paula Toller, lança disco autoral, O ano 1, com 10 inéditas

Mariana Peixoto



Washington Possato/Divulgação



Jorge Ailton já tocou nas bandas de Sandra de Sá, Toni Garrido e Martália

O título é bastante sugestivo: O ano 1, de Jorge Ailton. O nome do cantor, compositor e baixista pode não dizer muita coisa, mas seu currículo é extenso. Passou a última década tocando e gravando com artistas conhecidos do meio carioca. Integrou as bandas de Sandra de Sá, Toni Garrido e Martália. Nos últimos tempos, vem acompanhando Paula Toller. Até que veio a vontade de criar seu próprio trabalho.

— Houve uma época em que cantei na noite. Todo mundo falava: — Por que não lança seu próprio disco? — Mas não sabia como, pois todos os artistas com quem trabalhava tinham uma direção, um conceito para cada disco. Até que depois de 10 anos como acompanhante, amadureci e vi que estava na hora —, comenta ele, que lança o trabalho pelo selo La Toller, da vocalista do **Kid Abelha**.

Neste processo, que durou um ano, Jorge Ailton trabalhou ao lado de Alexandre Vaz (integrante da banda de Marcelo D2), que assinou a produção do disco.

— Como não tínhamos pressa, pudemos experimentar várias sonoridades e mudar de ideia ao longo do processo. — Juntos, os dois criavam as bases e, uma vez já gravadas, Jorge mandou o material para diferentes letristas.

Mesmo assim, ele escreveu algumas das letras, como a da faixa-título, que abre o CD de 10 canções. — Como a música tem uma base inusitada, com muito groove e é bem solta, me deu vontade de falar de liberdade nela. Daí resolvi chamar o disco de O ano 1, pois isso resume a atual fase. — Mas a maior parte das letras foi escrita por terceiros, como Mila Bartilotti (Substantivo feminino), Apoena (Atropelada) e Paula Toller (Coração retrô).

Ao enviar a música para Toller criar a letra, ela fez o convite para o lançamento por seu próprio selo. Outro padrinho do músico é **Lulu Santos**. — Gravei com ele a faixa Já é, do disco Bugalu, que é a única daquele trabalho que o Lulu toca em show até hoje. Aí veio o convite para gravar em Singular (álbum mais recente de Lulu Santos). E a primeira que gravamos por Baby de babylon, que acabou entrando em trilha de novela (Viver a vida). O produtor dele me ligou dizendo que eu era pé- quente e que deveria gravar todas as faixas. No meio da gravação o Lulu me perguntou se eu também compunha. Mande para ele o disco e ele escolheu gravar Atropelada —, conta Jorge Ailton.

Não foi à toa que Lulu Santos escolheu uma canção de Jorge para seu próprio disco. A influência dele no trabalho de Jorge é grande, vide a forma com que ele cantou em Muito melhor assim, que é puro Lulu dos primeiros tempos. Como um bom disco de pop rock, O ano 1 conta com baladas (Substantivo feminino é bem decalcada da fase baladeira Lenny Kravitz) e canções bem radiofônicas, como O óbvio, com refrão grudento. Já Replay é bastante suingada, fazendo jus ao baixo de Jorge Ailton. Afinal, mesmo que esteja considerando O ano 1 como novo começo, não dá para apagar o que ele já passou até hoje.

Café escuro

Fragmentos textuais de variações sobre temas muito semelhantes



‘Não vou mais nessa estrada’

Posted on 12/05/2010 by Jaime Filho

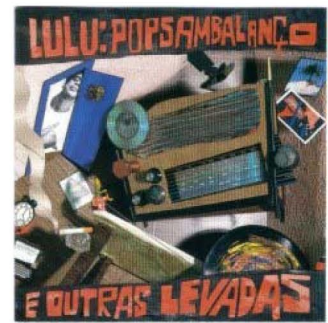
Em 1989 Lulu Santos pariu *Popsambalço e Outras levadas*, disco que fazia a equalização do emaranhado de referências do músico, sempre atento às ondas sonoras interferindo em sua antena parabólica. Além das levadas explícitas no RG do álbum, aquele era um disco sobretudo de alma funk, ‘body and soul’.

“Incompreendido”, “subestimado”, “à frente de seu tempo”, “pretencioso” e um tanto mais foi usado para descrevê-lo. Fato é que o disco não aconteceu. Demolidor em potencial, ficou em ponto-morto, no estéril terreno do ‘quase’. Hoje, olhando em perspectiva, até se poderia enxergar algo premonitório no release assinado pelo antropólogo Hermano Vianna – um ser que pensa e conhece (*por dentro*) as entranhas da música contemporânea brasileira.

Dizia ele:

Ser pop é gostar do mundo e da descartabilidade do real. Ser pop é destruir as hierarquias que separam o raro do vulgar, o original da cópia, o eterno do transitório. Fazer música pop é inventar um lugar-comum-ideal, isento de negatividade, capaz de seduzir (por um breve tempo, mas intensamente) o maior número de ouvintes.

Recapitulando: o compositor pop trabalha assumidamente com o lugar-comum, remanejando conhecidos elementos melódicos, harmônicos e rítmicos. Sua mágica é a conexão instantânea que às vezes liga o “novo” lugar-comum e o desejo do público. Tudo tem que ser feito na hora certa. No reino pop a figura do gênio incompreendido, aguardando o julgamento da história, é patética e desnecessária.



No Brasil, é difícil encontrar um pensamento sintonizado com o fenômeno pop, capaz de relativizar seus preconceitos diante da arte que a massa gosta ou, o que seria mais sensato, capaz de não ter preconceitos diante da arte que a massa gosta. Os críticos se consideram donos da verdade e do bom gosto. Quem não gosta daquilo que eles gostam está sendo manipulado pela indústria cultural.

‘Meio diferente de hoje em dia’

E, assim, *Popsambalço e Outras levadas* foi posto de volta ao escaninho, e por lá ficou, escondido, empoeirado, sem cuidado, por longos 20 anos. O tempo passa rápido e a tal metáfora do vinho que fica melhor ao envelhecer não cabe aqui, por desnecessária.

Corta para 2009. Zilhões de beats e encruzilhadas musicais depois, a decisão de Ivete Sangalo de incluir **‘Brumário’** em seu despojado projeto ‘Pode entrar’ joga, novamente, luz sobre o rejeitado álbum. E traz consigo a sensação de incompreensão, e de querer outra vez o que não se teve antes.

Mas eis que, aos 46 do segundo tempo das comemorações de duas décadas de *Popsambalço*, Lulu pôs na praça *‘Singular’* (em dezembro de 2009). Com ele, o ‘rei do pop’ fez uma caminhada nostálgica em direção ao ponto que, talvez, seja próximo àquele que *startou* a feitura do álbum de 89. Ele voltou, ressalte-se, por caminhos já trilhados

e, por isso, a sensação de *dejà vu* causou certo desconforto de início.

‘E eu nem imaginava...’



Fosse um LP, a cacetada pegadora teria sido dada na última música do ‘lado A’. Eletrificada na potência 9 e com uma batida quase marcial, **‘Atropelada’** é um susto sem referências, uma espécie de grito na noite da alma (*olha ela aí novamente*). Lulu fez e refez tudo certo ali. Mas atrapalhou a evolução das faixas restantes. Com medo da indefinição, o repeat travou. Dezenas de audições depois, a declaração do autor de ‘A coisa certa’ dava um Norte: “É das mais gratas e surpreendentes revelações artísticas que tive nos últimos tempos...”. O alvo dos elogios era Jorge Ailton, autor de ‘Atropelada’ em parceria com Apoena Frota.

A curiosidade acabou por desaguar em *O Ano 1*, álbum de estréia de Ailton. Lá, as referências da soul music e, por que não?, do funk, estão ainda mais entranhadas, curtidas, marcadas em cada sulco. Cassiano é uma espécie de eminência parda. Que dúvida (ou medo) não deve dar a um autor ver sua canção sendo moldada por um ourives como Lulu Santos. O que fazer depois, quando seu próprio processo ainda está em andamento, e seu primeiro disco ainda em fase de montagem?

Ouvir a ‘Atropelada’ de Jorge Ailton, na voz do próprio, é ver as dúvidas do último parágrafo dissipadas. O dilaceramento contido ali é resultado de outras mágoas, outras dores, tão profundas ou intensas quanto as de Lulu, mas outras. Versões díspares e igualmente belas. Nos dois casos, a canção vale os discos de ambos, e estão à altura deles.

A beleza comovente de ‘Atropelada’ (quase uma obsessão) está refletida tanto em *Singular* (Lulu Santos) quanto em *O Ano 1* (Jorge Ailton). Mas ela é, ainda mais, um brinde à chegada deste segundo ao cenário da música brasileira. Talvez sem saber, talvez plenamente consciente, Jorge Ailton construiu um álbum que, por vias tortuosas, seja algo que não seria possível sem existência de *Popsambalço e Outras levadas*.

Da mesma maneira, só que em sentido contrário na rodovia de influências indiretas, a inclusão de sua canção em ‘Singular’ poderia ser um reconhecimento e homenagem a isso. O que tornaria tudo ainda mais bonito (e também sofrido).

**Falar de dois discos ‘novos’ tendo como base uma única canção e um outro disco, feito há 20 anos, é uma não-resenha, ok. Mas quem quiser tirar a prova dos nove, o show de lançamento de O Ano 1 acontece nessa quinta-feira, 13 de maio, no restaurante Zozô, na Urca, a partir das 22h. Bons sons.*



Atropelada (*Jorge Ailton – Apoená*)

Cortando caminho falando sozinho na beira da estrada
Me pego fugindo, não sei, de mim mesmo nessa madrugada
O tempo me larga, me esquece, me deixa...
É só mais um

E eu nem imaginava
Que seria ao som de “Body and Soul”
Que lenta, distante e mesmo atropelada
Cantava assim

Com você não volto mais
Não vou mais nessa estrada
Correndo o risco de louco assim que te rever
Eu sei vou logo te esquecer
Você não vale nada
Então me deixa em paz

As pernas me levam, pessoas rodeiam, cabeça pesada
E a minha garganta reclama que quer alguma coisa gelada
Que tire da minha cabeça essa frase arranhada
Foi sem querer

Ouvindo besteira saindo da boca de qualquer mimada
Me apoio na mesa olhando pra baixo sem chão, sem nada
No fundo o refrão de uma dessas me engana de cara lavada
Tá tudo bem

Com você não volto mais
Não vou mais nessa estrada
Correndo o risco de louco assim que te rever
Eu sei vou logo te esquecer
Você não vale nada
Então me deixa em paz

Café escuro | Fragmentos textuais de variações sobre temas muito semelhantes

E eu nem imaginava
Que seria ao som de “Body and Soul”
Que lenta, distante e mesmo atropelada
Cantava assim

Com você não volto mais
Não vou mais nessa estrada
Vendo o risco de louco assim que te rever
Eu sei vou logo te esquecer
Você não vale nada
Então me deixa em paz
Então me deixa deixa em paz
Então me deixa em paz